

## As cartas de Jô Soares ao Presidente Bolsonaro: pastiche, humor político e argumentação

**Anderson de Carvalho Pereira**

Professor Doutor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

 [orcid.org/0000-0002-1485-0095](https://orcid.org/0000-0002-1485-0095)

**Resumo:** Este artigo mostra resultados da análise dos textos-cartas enviados por Jô Soares ao presidente Bolsonaro, publicados na *Folha de São Paulo*. A análise do *corpus* pontua formas pelas quais um lugar discursivo materializado em pastiche está afetado pelo determinante político do sentido. Fundamentado na Análise do Discurso e em teorias da enunciação e da argumentação, conclui que este lugar faz emergir o sujeito do discurso por efeitos de sentido que, de forma deslocada, sustentam uma argumentação que por meio do humor e do pastiche instala críticas ao atual governo.

**Palavras-chave:** Humor. Discurso. Argumentação. Pastiche.

**Abstract:** This paper aims at investigating letters published such as texts written by the Brazilian comedian Jô Soares and sent to “Folha de Sao Paulo” newspaper. The *corpus* analyzed focus on discursive place that circulates as pastiche. The contribution is to argue about political determinant of the meaning (based on Discourse Analysis and theories of enunciation and argumentation) and shows the ideologically displacements of meaning. The subject arise between humor and pastiche and carries out a hard criticize against Bolsonaro government.

**Keywords:** Humor. Discourse. Argumentation. Pastiche.

## Introdução

Em período recente, o escritor, influenciador digital e humorista Jô Soares publicou na seção “opinião” do jornal *Folha de São Paulo* uma sequência de três textos dirigidos ao presidente Jair Bolsonaro que chamam a atenção pela qualidade do uso da irreverência e do humor; e que incluem o uso de decalques do óbvio à moda do Barão de Itararé e do humor com valor político, remetendo com isso a um efeito pastiche. Ao considerar estes aspectos, neste artigo almejamos a uma reflexão sobre como se constituem texto e discurso e quais lugares de interpretação esta materialidade torna possível ao sujeito-leitor.

A sequência destes três textos-cartas<sup>1</sup> aqui analisados pode ser acessada na internet. Para acessar alguns efeitos de sentido sustentados por estes textos-cartas (*corpus* desta pesquisa), o leitor deve, a saber: ter acompanhado o noticiário no período em que o presidente sugere indicar um dos filhos para a embaixada brasileira nos Estados Unidos (primeiro texto); identificar de que forma algumas palavras que não fazem propriamente parte exclusivamente do português brasileiro ou do francês provocam razoável familiaridade e estranhamento entre ambas as línguas (segundo texto); e, por fim, retomar os acontecimentos da Segunda Grande Guerra, que envolvem o ex-ministro britânico Winston Churchill e o grupo paramilitar nazista *Shutzstaffel*, cuja sigla “SS” aparece grafada em maiúsculas ao longo do terceiro texto-carta.

A partir da identificação destas marcas de heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1998) e do lugar de analista (pesquisador), revisitamos questões decisivas aos estudos da linguagem para debater a relação entre o determinante político do sentido como eixo articulador, por meio do pastiche e do humor, da argumentação empreendida por Jô Soares.

É a partir deste indício, o do decalque de outros textos (interdiscurso) sob a forma do pastiche, no sentido de um dizer (GRANGEIRO; FERREIRA, 2016) ou uma obra (IPANEMA, 2017) sobreposta a outra materialidade, que empreendemos um gesto de análise. Estas considerações fundamentam o objetivo deste artigo: analisar formas pelas quais a materialidade de textos-

---

<sup>1</sup> Optamos por denominar “texto-carta” a materialidade aqui analisada, por se tratar de um portador textual na tênue fronteira de um texto jornalístico apresentado sob a forma de carta ou missiva. Optamos também por deixar de lado a polêmica em torno das definições de gêneros textuais, ainda que este tópico seja relevante.

cartas escritos por Jô Soares e endereçados ao presidente Bolsonaro é afetada pelo determinante político do sentido (conforme a Análise do Discurso, doravante AD) e faz emergir o sujeito do discurso. Os efeitos de sentido (interpretação), de forma deslocada, instalam críticas ao atual governo sendo que também entendemos estes atalhos e/ou manobras enunciativas dos deslocamentos de sentidos como recursos argumentativos.

A seguir, vamos explicar a construção do dispositivo teórico-analítico em questão, que requer apresentar as condições de produção do *corpus*, do ponto de vista das questões do pastiche, humor político e da argumentação.

## **2 Aspectos Teórico-metodológicos**

### **2.1 Panorama do dispositivo teórico-analítico**

Em AD, o analista (pesquisador) organiza a materialidade linguística que analisa concomitantemente aos estranhamentos e às operações de releitura que com esta estabelece. De um olhar deslocado, estranho à própria leitura corriqueira e trivial, surgem questões com as quais um tempo inicial de reflexão requer principalmente questionar o valor do efeito de sentido produzido no lugar de leitor/analista em função do valor político e sócio-histórico do *corpus*.

Este exercício inicial lança questões pelas quais o pesquisador tenta organizar um bólide de percursos teórico-metodológicos dentro do quadro teórico da AD, possíveis de aprofundar a análise com o propósito de ultrapassar a superficialidade linguística. Neste segundo momento, tenta-se capturar de que modo alguns sentidos se instalaram e apagaram outros sentidos possíveis.

Esta passagem da reflexão da natureza do sentido instalado para seu mecanismo de funcionamento requer debater o tipo de dispositivo, ou seja, um artifício pela qual o pesquisador analisa pistas mais explícitas ou mais discretamente presentes no campo dos enunciados, que autorizam ou glosam algumas zonas de sentido.

Na linha do que Courtine (2014) denominou de sequências discursivas de referência, o pesquisador faz uso de uma razão intuitiva pela qual podemos filiar a AD ao paradigma indiciário (cf. TFOUNI; PEREIRA, 2018) e mostrar

interfaces entre lugares do interdiscurso que decalcam domínios de memória (COURTINE, 2014).

Trata-se do gesto de remexer alteridades, de pontuar e interpretar o “outro” no corpo dos discursos (cf. PÊCHEUX, 1997b; AUTHIER-REVUZ, 1998). Esta provocação do que se apresenta por uma estabilidade semântica, todavia, tem nuances. A este respeito, vamos tratar especificamente do que se pode denominar de texto humorístico, ou texto opinativo e de humor, como o próprio lugar enunciativo da *Folha de São Paulo* define a materialidade analisada.

No campo das marcas explícitas que de alguma forma enviesam a leitura inicial, o primeiro momento do qual tratamos, a marca “opinião” indica o lugar que autoriza aquele que, seja sob a forma do nome próprio (José Eugênio) ou pseudônimo artístico (Jô Soares) levará a efeito um modo de dizer que não é o da crítica habitual vinda do texto dissertativo-argumentativo com pareceres técnicos ali alocados, mas da irreverência resultante da obviedade e subversão dos sentidos. É este o dispositivo principal instalado pelo jornal impresso nesta seção específica pelo qual trataremos das condições de produção dos discursos ali instalados, após apresentarmos de forma mais detalhada a formação do *corpus*.

## 2.2 Formação do *corpus*

Neste artigo demos destaque às formas pelas quais efeitos de sentido conjugam enlaces do linguístico com o político nesta conjuntura histórica (MALDIDIER; GUILHAUMOU, 2016). Portanto, vamos nos ater ao modo pelo qual cientistas da linguagem de perspectiva discursiva abordam a enunciação.

Partimos do pressuposto que o autor destes textos-cartas não apenas mobilizou efeitos de sentido do campo do humor, no sentido de suspender a censura inconsciente e provocar riso, mas pela subversão do mundo semanticamente estável das palavras em sua relação com as coisas do mundo (PÊCHEUX, 1997b), driblou as ofensivas explícitas de discursos autoritários do governo cujo ícone é a imagem e lugar de presidente ocupado por Jair Bolsonaro.

Ao perseguirmos os diversos meandros desta estratégia, alertamos que o sujeito do discurso não é o locutor (Jô Soares, nome artístico do indivíduo

empírico José Eugênio Soares), nem somente o enunciador (*Folha de São Paulo*, veículo no qual todos os textos-cartas foram publicados). Trata-se antes de um lugar de articulação, seja no sentido de Guimarães (2009) de uma contiguidade, seja em Pêcheux (1988) de sustentação de um efeito de sentido que marca uma tomada de posição por um uso específico da substituição e por efeito metafórico.

Esta substituição é marcada pelo uso da nomeação, de dêiticos, *shifters* e/ou pelo uso de embreagens e debreagens, que conduzem a discursivização, ou seja, o mecanismo de passagem da criação para a “representação actancial” de pessoa, espaço e tempo (FIORIN, 1995, p. 27), mas que também considera “[...] um real específico formando o espaço contraditório do desdobramento das discursividades” (PÊCHEUX, 2014, p. 228).

No caso apresentado, aparece a debreagem actancial, do espaço e tempo na enunciação. Isto porque ao jogar com o binômio José Eugênio e Jô Soares, com o lugar enunciativo da *Folha de São Paulo* e com o destinatário Presidente e indivíduo empírico Bolsonaro face ao leitor, as cartas-textos projetam, como podemos entendê-las concorde Fiorin (1995, p. 27), “[...] no enunciado, um *não eu*, um *não aqui* e um *não agora*”. Não nos deteremos aos meandros desta dimensão enunciativa, embora destaquesmos sua relevância.

Em outro patamar teórico, destacamos concorde Guilhaumou e Maldidier (2016), a dimensão da enunciação entendida como condição para as “estratégias discursivas” (p. 226, expressão dos autores) de efeitos de sentido que indiciam o processo histórico na língua. Afinal, que estratégias discursivas são estas que indiciam um efeito de sentido pastiche e que transitam na área do humor político?

Por meio deste debate, queremos demonstrar que a sustentação de efeitos de sentido por meio dos quais Jô Soares assume uma posição de crítico do Jair Bolsonaro presidente (acrescido do valor simbólico do lugar que o indivíduo empírico Jair ocupa e que dirige ao enunciatário leitor da *Folha de São Paulo*) faz uso de um efeito pastiche, em que o humor é determinado pelo político. É este último que sustenta o valor político da argumentação nas três cartas que compõem estas condições de produção em jogo na materialidade linguístico-discursiva do *corpus*.

Veiculados na grande mídia impressa, o jornal “Folha de São Paulo”, os textos-cartas de Jô Soares denominados por ele mesmo “Carta aberta” foram publicados respectivamente em abril e julho de 2019 e em junho de 2020.

O nome “carta aberta” logo de início indicia que se trata de uma peça textual em tom intimista, mas que recebe a predicação “aberta”, por abordar questões de interesse público e por dirigir-se à figura pública. São estes os títulos: “Carta aberta ao Ilmo Sr. Presidente Jair Bolsonaro: devo confessar que também já fui alvo de chacota”, publicado em 12 de abril de 2019 (primeiro texto-carta); “Outra carta aberta ao nosso excelentíssimo presidente da República, senhor Jair Bolsonaro – quel idê genial de nomé vtre fils come ambassadeur”, publicado em 22 de julho de 2019 (segundo texto-carta); e, por fim, “Carta aberta ao Ilmo sr. Jair BolSSonaro – VoSSa redundância é o 1º. presidente pataffísico!” (terceiro texto-carta), publicado em 23 de junho de 2020.

No primeiro texto-carta, é tecida uma genial argumentação que a cada parágrafo provoca giros entre as posições do interlocutor “eu” e interlocutário “caro presidente Jair Bolsonaro”. Esta debreagem enunciativa (FIORIN, 1995) aparece em “devo confessar que também já fui alvo de chacota” no subtítulo, no qual, por sua vez, há elipse do pronome. Mais adiante também notamos um processo de reescrituração (GUIMARÃES, 2009), posto que o subtítulo serve como um mote que reaparece no início do quarto parágrafo em “Devo lhe confessar que também já fui alvo de chacota”. A todo tempo, as posições “tu” a quem me dirijo e “eu”, “eu também já fui alvo” provocam riso, porque simulam mudanças de posição daquele que é alvo do próprio risível.

Nesta última aparição, há a marcação do interlocutário em “lhe”, ou seja, “a tu” Jair Bolsonaro. Há várias marcações em que a aparência de um “*não eu*, um *não aqui* e um *não agora*” (FIORIN, 1995, p. 27) marcada como “Eu” (Jô soares e/ou José Eugênio, ou por vezes ambos)<sup>2</sup>, a um “tu” (Excelentíssimo ou Ilmo Sr. presidente Jair Bolsonaro); e o tempo marcado pelas variadas declarações do presidente no agora: “quando o senhor afirmou que o nazismo era de esquerda” (primeiro texto-carta); “nomé vtre fils Eduardô come

---

2 O primeiro texto-carta, por exemplo, é assinado por Jô Soares. Por sua vez, a segunda carta-texto é assinada por Jô Soares e por José Eugênio, mesmo porque o autor sustenta um efeito de sentido de ironia e de aproximação com o interlocutário ao mencionar na segunda assinatura a insígnia “oficial da Ordem do Rio Branco”.

ambassadeur” (segundo texto-carta); “o livro<sup>3</sup> sobre Churchill que estava na sua mesa na hora da posse” (terceiro texto-carta).

Ou seja, a aparência de não estar definido de quem se ri, se de Jô Soares ou de Bolsonaro, pende para ênfase neste último, claramente designado por “Excelentíssimo”, “Ilmo Sr.”, “votre fils”, “na sua mesa”. Em outras palavras, o autor do texto-carta indica que: pode parecer que não, mas estamos (eu, Jô Soares, o autor, e o leitor) rindo de você. Portanto, parece que o leitor não sabe quem fala (José Eugênio ou Jô Soares) e de quem se ri (Jair ou Bolsonaro presidente), mas algumas marcas permitem atestar que o autor e o sujeito-leitor riem do presidente e do governo Jair Bolsonaro.

No segundo texto-carta, em um tom quase professoral, o escritor segue uma linha de incisiva crítica principalmente pelo imbróglio de suspeita de nepotismo na tentativa do presidente em emplacar o filho como Embaixador nos Estados Unidos. O subtítulo “quel idê genial de nomé votre fils come ambassadeur” poderia ser qualificado como um francês macarrônico. Esta designação no imaginário comum indica manobras nas regras gramaticais e mesmo em ordenações sintático-semânticas tão caras a qualquer não falante nativo; alude também a uma mistura de francês com herança do latim vernáculo. Neste caso, é sustentada uma ironia à dificuldade do referido presidente em fazer da própria língua materna, na forma oral e escrita.

Por fim, no terceiro texto-carta a própria grafia do nome do presidente e do pronome de tratamento (inventado de forma irreverente e intitulado “VoSSa redundância”) fazem referência ao nazismo, referência esta presente no primeiro texto-carta. A partir desta pista, deste nome novo que designa o presidente, pela mudança do “tu” para “VoSSa redundância” que discutimos, como pastiche e humor político, a interface com o Barão de Itararé (1978) já presente no interdiscurso e do Barão de Münchhausen e do Monsieur de la Palice (cf. PÊCHEUX, 1988).

---

3 A menção ao livro também mobiliza no interdiscurso a marca sociopolítica e histórica do “Orvil” (palavra “livro” ao contrário), nome amplamente divulgado na mídia (como no canal do youtube Meteoro Brasil) acerca do livro elaborado pelos militares em reação à publicação de “Brasil: nunca mais”, lançado em 1985 por Dom Paulo Evaristo Arns e suas críticas aos horrores da ditadura civil militar de 1964-1985. Pode-se mencionar também a referência bolsonarista ao livro “Verdade sufocada”, do militar coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, mencionado no transcurso do golpe de 2016. Em suma, há outros livros recobertos pelo livro de Churchill posto à mesa. Vale lembrar Kundera (1988) comentado por Courtine (2014, p. 240): “Quando se quer liquidar os povos, começa-se por lhes tirar a memória”.

### 2.3 Condições de produção - pastiche e humor político

Não é novidade no cenário nacional, a sátira, o riso e o pastiche subvertendo a tentativa de ordem autoritária vinda de um presidente. Jacobus e Golin (2011, p. 57) mostram como a construção de outro personagem, agora o Barão de Itararé - feita por Apparício Torelly (ou Apporelly) no jornal “A manhã”, que foi um jornalista “antecedente do jornalismo de humor” para “atiçar o imaginário popular” (expressões dos autores) - já tomava este caminho.

Com esta apropriação parodiada e com viés crítico, Apporelly sustentou paródias, entendidas como “fala recalcada do outro” (SANT’ANNA, 2007 apud JACOBUS; GOLIN, 2011, p. 59), definição esta apropriada para analisarmos os textos-cartas de Jô Soares, uma vez que se trata de um presidente Bolsonaro ali recalcado e metamorfoseado no que deste retorna em figura real e personagem de ficção cuja fronteira é tênue.

Uma das diferenças é a preocupação econômica com a venda da seção com viés de pasquim daquele jornal que Apporelly escrevia e que não parece ser o foco da seção “opinião” da Folha de São Paulo na qual aparecem os textos-cartas de Jô Soares. Em suma, o razoável distanciamento deste viés se dá porque nem todo texto deste autor tem como principal foco este viés de pasquim parodístico, e pelo fato de que “[...] *A manhã* igualmente agregava de modo lúdico aspectos típicos das revistas ilustradas” (p. 63, *italico no original*).

Talvez mantendo como semelhante a interface que Jô Soares também faz com outros personagens políticos ou personalidades de destaque, Apporelly escreve sobre o barão de Itararé junto da presença de Artur Bernardes, Júlio Prestes e Getúlio Vargas; Jô Soares, por sua vez, evoca Goebbels, Kierkegaard, Wittgenstein, Rafael Leonidas Trujillo Molina, FHC, Jacinto B. Paynado, Ramfis Trujillo Marinez, Napoleão e Churchill, como se estivessem ali (aqui).

Como se nota, o elenco de personagens políticos mencionados por Jô Soares tem uma escala proposital de políticos de pouca relevância e que provocaram muito estrago na América Latina ao lado de nomes conhecidos pelo imaginário comum, como Napoleão e Churchill. Todos os primeiros da

República Dominicana, onde os colonizadores espanhóis teriam aportado em um primeiro encontro com os ameríndios<sup>4</sup>. Portanto, lugar emblemático da esfera política regional. E ironia por conta da contradição entre a área de destaque impressa pelo bolsonarismo que resvala na identificação com líderes autoritários de pouca relevância histórica em nível global, mas certamente de marcas profundas de retrocesso local.

Defendemos também que outra semelhança, a que torna a materialidade analisada aqui ancorada em outros modos de dizer encadeados em um viés mais crítico do jornalismo, é o fato de que em “A manhã” Apporelly também fazia do próprio texto produzido veículo para criticar o suposto espírito iluminista do jornalismo em geral. Jô Soares também embarca nessa vertente uma vez que lança nomes de personagens históricos com uma sutileza e liame tênue com os fatos históricos, de modo a incorporar o que é publicamente apontado como desprezo do presidente pelo conhecimento; também como aparente falha na informação, veiculada pela imprensa.

Em síntese, o autor Jô Soares dialoga por variadas estratégias com o suposto ataque injusto que o presidente alega sofrer a todo tempo vindo da imprensa. Junto disso, também demonstra que o texto-carta não serve apenas para criticar o presidente em questão, à medida que o sujeito-leitor da Folha de São Paulo também é posto à prova quanto ao seu conhecimento sobre realidade ou ficção em torno dos personagens históricos acima mencionados e de suas condutas.

Em campo de discussão próximo a este, a historiadora Rogéria de Ipanema (2013) ensina que o caricaturista e jornalista Ângelo Agostini, por exemplo, ao se referir a Prudente Moraes, político das oligarquias eleito pelo voto direto, contrasta a corrupção corriqueira do governo com o bem comum encarnado em Dom Quixote. O uso deste personagem secular para desenhar contrastes e operar um simulacro da figura real do presidente que conjuga excentricidade e estereotipia também desmoraliza o presidente. Em outro trabalho, Ipanema (2017) analisa novamente Dom Quixote como pastiche. Segue definição da autora:

---

<sup>4</sup> A este respeito ver o filme “1492: a conquista do Paraíso”.

As definições de pastiche, do termo da língua francês, dispõem o sentido de uma obra literária composta no modelo de outra, a maneira de, ou mesmo de recortes de mais de uma obra. O decalque, processo do universo das artes visuais, a obtenção de uma cópia de um desenho pela ação da pressão, ou redesenho; e nesta forma, um forte caráter de superfície [...] (IPANEMA, 2017, p. 8).

Esta definição embora enfatize a presença mais explícita de uma obra em outra é aqui tomada de empréstimo para mostrar que Jô Sares não cita explicitamente obras, mas fatos e personagens históricos (e/ou menção às obras destes) e pelos quais tece pequenas narrativas ao longo dos textos que, decalcadas assumem um caráter mais ficcional digamos assim e, permite a nosso ver indicar este valor de pastiche a trechos de seu texto-carta.

Especificamente o segundo texto-carta do *corpus* analisado também nos lembra a análise da canção “Artigo 26” de Ednardo, feita por Grangeiro e Ferreira (2016). As autoras mostram em uma análise discursiva sobre efeitos de sentido provocadores do contato entre língua francesa e luso-brasileira, no nível da formulação dos enunciados, uma padaria espiritual que remete à revolução francesa, pois a significação de “pão” na letra da música mistura formas das quadrilhas e parlendas da cultura popular.

Outros efeitos deste contato também são explorados por Jô Soares no segundo texto-carta que analisamos. Neste último também vemos a menção à língua da diplomacia, pois a língua francesa foi a que na transição da *Belle époque* para o século XX agregou *status* às elites político-econômicas.

Repletos de ironias e de humor os textos-cartas materializam o humor político. Taffarello (2001) explica que o humor político, muitas vezes, recorre a recursos pragmáticos e mobiliza estereótipos que facilitam uma espécie de circuito de compreensão do leitor acerca da ironia e da subversão do sentido em questão; por vezes também se inclinam para a difamação astuta e para aspectos de cinismo, chiste e de trágico. Defendemos que o humor político também sustenta a argumentação destes textos-cartas.

#### 2.4 O lugar da argumentação

Conforme Carmelino (2012), o humor é uma estratégia argumentativa eficaz para persuasão que na esfera do *logos*, requer o uso da lógica. Este recurso aparece de modo geral em menções à realidade como em “já leu o

**livro sobre Churchill que estava sobre a sua mesa na hora da posse” (terceiro texto-carta);** trata-se de operadores que também indicam noção de conhecimento e escolha prévia (cf. MARIANO, 2005) dos fatos em questão para a persuasão.

Outra estratégia que aparece é a repetição da formulação “devo confessar”, “devo lhe confessar” (primeiro texto-carta). Por este caminho, o autor Jô Soares mantém o interesse e a atenção do leitor, ao “explorar o risível dos fatos sociais” (CARMELINO, 2012, p.41). Acrescentaríamos que, no caso da realidade brasileira, há muito circula, em uma esfera do interdiscurso que remete ao início da República: “[...] O Brasil... Que somos nós? [...] Somos um povo que ri, quando devia chorar!” (VASCO LIMA, 1913 apud SALIBA, 1998, p. 300).

Carmelino (2012) mostra que os estudos que enlaçam discurso e argumentação devem se aventurar na investigação dos recursos linguísticos que encaminham a persuasão nos discursos. A partir de Pêcheux (1988), podemos cotejar que a persuasão pode ser enquadrada como da ordem do registro do imaginário e da eficácia material deste registro para firmar uma posição.

Se a eficácia depende do jogo de imagens que um faz do outro (cf. CARMELINO, 2012) é porque o registro do sujeito no imaginário assim mobiliza lugares nas falhas da estrutura simbólica da linguagem. No caso analisado, não temos marcas do não-verbal e poucas imagens (o segundo texto-carta é o único a trazer a foto de “le coronel Ramfis Trujillo Martinez” quando criança e assim identificá-lo com filho e pai Bolsonaro).

Dentre as técnicas comentadas por esta autora (léxico e figura retórica), percebemos que Jô Soares faz uso de ambas. As figuras retóricas aparecem nos argumentos, com destaque ao que ao se basear no “Tratado da Argumentação” de Perelman e Olbrechts-Tyteca usa para tratar dos tipos de argumentos Carmelino (1996 apud 2012, p. 45) explica dos estudos da nova retórica: “[...] os argumentos quase lógicos, argumentos fundados na estrutura do real, argumentos que fundam a estrutural do real e argumentos por dissociação”. A partir de explicação ao final de cada um, parafraseada desta autora, elencamos no *corpus* em questão, a saber:

- argumentos quase lógicos (CARMELINO, 2012, p. 45) (“Chanté le parabiéns, apagué les veles, comê le bolê ! Comê le bolê ! E depuis le

present principale : lui, qui há déjà une graduation em hamburguér et talvois une pos-graduaton em cheseeburguér ? aussi, si nous avons deja um ex-president, FHC, pourquoi ne pas tenté aussi um ambassadeur KFC?”, segundo texto-carta), pois se aproxima da lógica, mas faz uso do ridículo;

- “argumentos fundados na estrutura do real” (CARMELINO, 2012, p. 45) (“Imagine o senhor que confundi o dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard, filósofo, teólogo, poeta, crítico social e autor religioso, e amplamente considerado o primeiro filósofo existencialista, com o filósofo Ludwig Wittgenstein, que, como o senhor está farto de saber, fi um filósofo austríaco, naturalizado britânico e um dos principais autores da virada linguística na filosofia do século 20”; primeiro texto-carta), pois se aproxima da experiência ao ligar coisa e fato;
- argumentos “que fundam a estrutura do real” (CARMELINO, 2012, p. 45) (em “Em 1938, le president Jacinto B. Paynado (president que sucessé a Trujillo) promové le coronel Ramfis Trujillo Marinez, de neuf ans, a general de brigada, promoción que fu outorgue “en mérito al serviço” em se constituant nel plus jeune general del histoire Du monde? Regardé les fotos: nést pás fôfe?” ; segundo texto-carta), pois criam uma realidade a partir de um modelo;
- por fim, “por dissociação” (CARMELINO, 2012, p. 45) (em “Finalmente, adoraria convidá-lo para assistir ao meu espetáculo. Foi quando surgiu um dilema impossível de resolver. Claro que eu o colocaria na platéia à direita. Assim, o senhor, à direita, me veria no palco à direita. Só que, do meu lugar no palco, eu seria obrigado a vê-lo sempre à esquerda”; primeiro texto-carta), pois busca “solucionar uma incompatibilidade do discurso a fim de restabelecer uma visão coerente” (CARMELINO, 2012, p. 46).

### 3 Análise

A seguir, mostraremos formas que aludem à presença do Outro, como um alhures discursivo (AUTHIER-REVUZ, 1998) de modo a pôr em questão no campo dos enunciados e do interdiscurso, a heterogeneidade discursiva

presente nestes textos-cartas ratificando que “o discurso indireto livre, o pastiche, a ironia, são formas não marcadas” (GRANGEIRO; FERREIRA, 2016, p. 87) desta heterogeneidade. Por conta disso, no decorrer da análise, apresentamos em notas de rodapé publicações da imprensa escrita, que atestam esta presença do Outro, recortada pelo sujeito-autor Jô Soares ao criar estes efeitos de sentido.

Tão logo nos surpreendemos a cada um dos três textos-cartas lidos com a genialidade da síntese de vários acontecimentos históricos e políticos, lançamos um olhar de analista/pesquisador para esta expressão crítica do autor das cartas, organizamos nossa análise dos vários sentidos recortados pelo sujeito-autor<sup>5</sup>, conforme: 3.1) efeitos de sentido sustentados pela presença do personagem fato/histórico: entre ficção e realidade; 3.2) efeito Münchhausen e a remissão ao Barão de Itararé e ao Monsieur de la Palice; 3.3) efeitos de sentido de uma língua inatingível: nem francês, nem português brasileiro.

### **3.1 Efeitos de sentido sustentados pela presença do personagem/fato histórico: entre ficção e realidade**

Trata-se de trechos em que figuras históricas aparentam personagens de ficção e não personalidades históricas reais, imprimindo esta mesma dubiedade fictícia ao presidente a quem se dirigem os textos-cartas. Vejamos:

[...] Entendo a reação provocada quando o senhor afirmou que o nazismo era de esquerda. [...] Um desses grupos foi o NSDAP: em alemão (...) Entre seus fundadores originais havia dois irmãos: Otto e Gregor Strasser. Otto era um socialista convicto, queria orientar o movimento do partido à esquerda. Foi expulso e a cabeça posta a prêmio. Seu irmão Gregor preferiu unir-se ao grupo do Camelô do Apocalipse. Quanto a Otto (...) teve sua cabeça posta a prêmio por Joseph Goebbels (...) Hitler apressou-se em tirar o ‘social’ da sigla do partido. Mais tarde, Gregor foi eliminado junto com Ernst Röhm, chefe das S.A., na famigerada ‘Noite das Facas Longas’. (...)

Como se nota, os irmãos Otto e Gregor Strasser (primeiro texto-carta), fazem parte de um rol de personagens de uma narrativa fantástica e

---

<sup>5</sup> Vale notar que autoria aqui é entendida conforme Tfouni (2010) para quem o sujeito do discurso mobiliza no interdiscurso zonas de sentido que dispostas no fio do discurso (intradiscurso) sustentam efeito de retroação e de fechamento.

subversora da ordem, uma vez que no lugar da filiação real, aparece uma fantástica: “Camelô do Apocalipse”.

Este descrédito com fatos históricos, ainda que haja informações reais disponibilizadas, como sobre os irmãos Strasser, provoca no sujeito-leitor um simulacro do efeito real do cotidiano do governo Bolsonaro. A parcialidade do fato, tomado como inteireza da verdade, recobre manipulações do imaginário que, por sua vez, transitam pelo fantástico. Jô Soares reproduz, na missiva, essas simulações recorrentes no cotidiano.

A narrativa sobre Otto e Gregor tem também quase caráter de fábula. A moral é sobre quem tomou o “mal caminho”. É um raciocínio simplista. É também um simulacro de parábola bíblica. Otto e Gregor dividiriam bem e mal. O autor Jô Soares zomba do simplismo que contido nas dicotomias veiculadas pelo atual governo.

Ao recorrer a personalidades históricas reais, por sua vez, indica haver, no governo, narrativas pouco comprometidas com os fatos históricos. Com estes recursos estilísticos, o autor também critica o interlocutor eleitor, apoiador e correligionário do presidente.

Ao mobilizar a polêmica sobre o nazismo ter sido mencionado pelo presidente como ideologia de esquerda, o autor mobiliza o fato histórico do grupo dos trabalhadores do NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) em meio à narrativa recheada de recursos fantásticos sobre os irmãos Otto e Gregor. Desta forma, Jô Soares também quer indiciar aspectos de reconfigurações da fronteira entre realidade e ficção em um governo que faz uso deste recurso a todo tempo, incluindo conspirações políticas globais, bem como a conjuntura das eleições de 2018.

De forma irônica ao apresentar uma sigla real, o leitor pode se lembrar da sigla apresentada pelo então candidato Cabo Daciolo como conspiração, a URSAL (União das Repúblicas Socialistas da América Latina). No imaginário comum, houve identificação com ambos os candidatos em parte porque na formação da opinião pública ambos eram retratados como evangélicos.

A respeito do liame entre absurdo fictício e fantástico no contato com a realidade política, Jacobus e Golin (2011) já se atentavam para este campo do debate ao analisar a invenção da batalha de Itararé que nunca ocorrera e que lembra também a Monarquia de esquerda inventada por Suassuna (1971/2007) como síntese entre Samuel e o “Rei e a coroa de esmeraldas” e Clemente e o

“Tratado negro-comunista da filosofia vermelha do Penetral” (nomeações do autor, no original). Aqueles autores também explicam que fazia parte da sátira do Barão de Itararé, a mistura do episódio real da queima do excedente de produção de café a assunção do fictício Imperador Itararé I da URSAS - “União das Repúblicas Socialistas da América do Sul” (p. 68), que sugeria tanto inclinação quanto crítica ao regime soviético. Portanto, há uma retroação no nível do interdiscurso, há dizeres anteriores a que se filiam as descrições de Jô Soares para criar o efeito pastiche e o humor político.

Em outro recurso argumentativo, já elencado como argumento fundado na estrutura do real mais acima, aparecem as biografias de dois filósofos, fazendo uso de dois recursos irônicos, a saber: “Imagine o senhor que confundi” e “o senhor está farto de saber”. Vejamos:

Imagine o senhor que confundi o dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard, filósofo, teólogo, poeta, crítico social e autor religioso, e amplamente considerado o primeiro filósofo existencialista, com o filósofo Ludwig Wittgenstein, que, como o senhor está farto de saber, foi um filósofo austríaco, naturalizado britânico e um dos principais autores da virada linguística na filosofia do século 20. (primeira carta)

Nestes pontos em destaque, o narrador Jô Soares se aproxima de forma indireta do sujeito-leitor. Embora em se tratando de situações de enunciação radicalmente diferentes, pois Jô Soares não cria este simulacro já que fala mais diretamente, apresentamos estes casos por notar que estas formas históricas deslocadas não são novidade.

Não são novidades, porque está sendo recuperado um contraste. Isto porque o desprezo explícito do presidente pelo conhecimento de informações básicas em qualquer assunto é explícito. No caso, o autor contrasta com a Filosofia. Se há ignorância de temas básicos, não seria na Filosofia que haveria conhecimento. Em meio às várias declarações que trazem esta marca do desprezo pelo conhecimento destacamos uma da campanha eleitoral, em que Bolsonaro afirma não entender o tripé macroeconômico e preferir deixar o assunto para o ministro<sup>6</sup>, bem como afirmar que a maioria das pesquisas é produzida em Universidades privadas<sup>7</sup>.

6 Ver: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-diz-que-nao-entende-de-economia-e-video-viraliza/>. Acesso em: 24 jul.2020.

7 Ver: <https://jornalggn.com.br/educacao/desmente-bolsonaro-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-pais-vem-de-universidades-publicas/>. Acesso em: 24 jul.2020.

No segundo texto-carta (copiar grifo) este fantástico aparece em “ambassadeur KFC”, que resgata a sigla KFC de uma rede de *fast food* para se referir à experiência prévia para ser embaixador, declarada pelo filho do presidente ao afirmar que já trabalhara em uma hamburgueria. Como ensina Pêcheux (1988), o sujeito emerge ao dizer X para se referir, de forma deslocada, a Y. Entre fatos históricos e o mascaramento do “estranhamente familiar” com uma mistura “[...] de absurdo e de evidência [...]” (PÊCHEUX, 1988, p.155) também notamos no *corpus* o efeito Münchhausen.

### 3.2 Efeito Münchhausen e a remissão ao Barão de Itararé

Para Pêcheux (1988), em sua teoria sobre a relação entre sujeito submetido à linguagem, inconsciente e ideologia são decisivos da condição humana. À medida que sua natureza comum de estrutura e funcionamento produz um “tecido de ‘evidências subjetivas’” (p.153), ambos nos obrigam a discutir a assunção do sujeito em dada conjuntura e a evidência do sentido em dada engrenagem entre infra e superestrutura. Inconsciente e ideologia determinam a constituição de sujeito e sentido, indicando que ambos os últimos são importantes. A constituição do sujeito não seria a mais relevante, nem a do sentido.

Há um paradoxo “[...] pelo qual o *sujeito é chamado à existência*” (p.154, *itálicos do autor*). Há a evidência de que “eu sou eu” e ao mesmo tempo o que do sujeito é ocultado para lhe permitir falar “X”. Para isto, Pêcheux (1988) se propõe explicar este efeito de “sempre-já-aí” (*expressão do autor*), ao citar a comentário de Freud sobre o duque de Welington e as “fantasias metafísicas” como a “[...] das duas mãos que, tendo cada uma um lápis, se desenham uma à outra sobre a mesma folha de papel” (p. 158). Este tipo de interpelação “de si mesmo” é chamado Efeito Münchhausen.

Ora, se é impossível assegurar a posição de “que eu se estivesse em seu lugar faria igual, ou diferente” (*expressão nossa*) e se esta posição é uma ilusão metafísica, pois a interpelação tem base material concreta envolvida na contradição da luta de classes e na desigualdade da realidade a ser conhecida, como Jô Soares pode, ao dizer “eu também já fui alvo de chacota”, enunciar como se estivesse no lugar de Bolsonaro? É o efeito pastiche o humor que permitem isso, pois é uma fala deslocada, após a qual seguem conselhos.

Vejamos:

Finalmente, um conselho: não se deixe influenciar por certas palavras. Seguem alguns exemplos: [...] 2. A expressão ‘no pasarán!’: utilizada por Dolores Ibárruri Gómez, conhecida como ‘La Pasionaria’, não era uma convocação feminista para que as mulheres deixassem de passar as roupas dos seus maridos; 3. ‘Social climber’ não se refere a uma alpinista de esquerda; 4. Rosa Luxemburgo não era assim chamada porque só vendia rosas vermelhas; 6. Quanto à palavra ‘social’; ela consta até no seu partido (Fonte: primeiro texto-carta)

A interpelação sob efeito Münchhausen que faz acreditar que é possível fazer o mesmo que Bolsonaro ainda que seja Jô Soares quem fala, é marcada pelo verbo no imperativo: “não se deixe”; “entre”. E em “Devo lhe confessar que também já fui alvo de chacota, mas por um motivo totalmente diferente: só peço que não deboche muito de mim” também temos este efeito Münchhausen. O humor também reside na exploração do efeito ilusório de literalidade.

Todavia, conforme a AD, não há o sentido literal. Há um truque do imaginário que leva o sujeito comum a crer que tudo que leva o nome “social” indica opção política de esquerda. Jô Soares desfaz esta crença e problematiza a natureza do signo. Nem toda “Rosa” é vermelha. Nem sempre “passar” significa “passar roupa” ou o alpinista praticante de “social climber” seria de esquerda e mesmo que haja o nome “social”, um partido pode não ser de esquerda.

Por fim, à listagem feita por Jô Soares subjaz o embate com um silogismo do governo cuja premissa maior é: “Tudo é de esquerda”. E seguem desdobramentos filosóficos inclusive desta postura. O alcance aparentemente restrito e ao mesmo tempo amplo desta premissa parece se identificar, do ponto de vista psicanalítico, com o “Pai total”. Jô Soares indica que este presidente que aparentemente tudo sabe, tudo observa, tudo fiscaliza não resiste ao olhar mais acurado que desfaz suas obviedades como as do Monsieur de la Palice (cf. PÊCHEUX, 1988).

O autor volta a tocar na questão do nominalismo medieval, pré-republicano, ao substituir, no terceiro texto-carta, “vossa excelência” por “VoSSA Redundância”. É o imaginário e seus processos de identificação simbolizando o real da língua afetada pela História.

Há um efeito de novidade em um presidente tomar posição pelo que parece literal. Por isso, esse “novo” cargo merece um novo nome. Não mais o

nome de “Vossa excelência” que oficialmente designa o cargo de presidente, mas “VoSSa Redundância”, com destaque para o “SS” que traz no simbólico a marca histórica da recorrente alusão do governo ao nazismo<sup>8</sup>. Do ponto de vista discursivo, é o jogo do não recobrimento total das “coisas a saber” (PÊCHEUX, 1997b).

No universo do humor político utilizado no jornalismo, este efeito que transita entre a aparente obviedade ou a evidência, temos no cenário nacional o modo como o Barão de Itararé veiculado por Apparicio Torelly também faz uso. Vejamos como este recurso é utilizado e aparece em:

[...] Os gramáticos criaram o verbo “cavalgar”. Depois os homens montaram em burros. Mas os etimologistas até hoje não conseguiram criar o verbo correspondente e até agora nós temos que dizer que “Fulano montou num burro” ou que “Sicrano montou num porco”. A equitação desenvolveu-se, mas a língua ficou estacionária. Os homens, um dia, se utilizaram de barcas para viajar. Os gramáticos criaram o verbo “embarcar”, para designar o ato de tomar uma barca. Mais tarde a coisa melhorou e as viagens passaram a ser em navios. [...] Quem monta a cavalo cavalga. Quem toma uma barca embarca. Mas não se cavalga num burro, nem se embarca num transatlântico. Quem monta num burro emburra-se. Quem monta num porco emporcalha-se, e quem toma um transatlântico transatlântica-se (retirado de “Pela renovação de nosso idioma – escreve o professor Jacinto Dores Nobasso, Barão de Itararé, coletânea de textos, 1987, p. 128/129,).

No Barão de Itararé, o que está em jogo também é o não recobrimento total das “coisas a saber”. O estranhamento do verbo “embarcar” utilizado para “transatlântico” faz parecer que houve aceitação do arbitrário do signo. Todavia, a busca pela “pala ideal” (AUTHIER-REVUZ, 1998) obriga o Barão achar “transatlântica-se” para, por meio da estabilidade semântica (PÊCHEUX, 1997b) O efeito Münchhausen faz com que o que parece óbvio o pareça porque haveria literalidade e, assim todos fariam a “mesma” língua do “mesmo modo”, como se um “você” genérico estivesse no lugar “sempre-já-aí” do sujeito.

Como se nota, portanto, a posição do sujeito do discurso “Jô Soares” retroage com dizeres anteriores e com a inscrição de uma interface entre sujeito, História e língua que, no Brasil, ratifica a circulação de discursos sustentados pelo pastiche e pelo humor político que ironizam a nomeação.

---

<sup>8</sup> Ver: <https://www.dw.com/pt-br/secret%C3%A1rio-da-cultura-copia-discurso-de-ministro-de-hitler-gera-pol%C3%AAmica/a-52040824>. Acesso em: 24 jul.2020.

Por fim, discutimos também como esta relação entre palavra e coisa é mobilizada na fronteira entre língua francesa e o português brasileiro.

### 3.3 Efeitos de sentido de uma língua inatingível: nem francês, nem português brasileiro

No segundo texto-carta não temos nem português brasileiro, nem francês. Temos um híbrido, que nos remete da reflexão filosófica sobre o que é uma língua aos efeitos de sentido recortados para provocar riso, que Jô Soares utiliza a partir de um jogo entre significantes dos quais emergem a relação entre sujeito e sentido.

Além disso, tomar a língua como jogo desde Saussure requer lembrar que em se tratando de discurso, a língua é determinada pelo político (ideologia), pelo inconsciente e pela História. Conforme Pêcheux (1997a), o estatuto de realidade deste jogo é o de formações imaginárias, e aparece nas posições discursivas resultantes da disputa pelo sentido do “objeto” do discurso. Ou seja, “esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo” (p. 82, *itálico no original*).

Esta representação calcada no imaginário faz com que o jogo de aproximação e estranhamento entre língua portuguesa e francesa represente de alguma forma a aproximação e distanciamento da posição sujeito do discurso Jô Soares autor do texto-carta do interlocutor Jair Bolsonaro. As posições sujeito-autor e sujeito-presidente estão em jogo. Uma tentativa de aproximação é marcada logo como uma espécie de chapéu da notícia em “Quel idê genial de nomé votre fils come ambassadeur”; ou em “Afinale de contes” e, ao final, “Bienavant, Napoleon, lembré dele?”

A par a constatação fatídica de que o presidente não é falante e fluente em francês, o uso de expressões como “Chanté le parabiéns” e “depuis le present principale” ratificam esta crença do imaginário comum e de expectativa do sujeito-enunciador. O efeito de “depuis” não como “desde”, mas como “depois” sustenta este efeito de sentido que leva em um lapso de tempo o sujeito-leitor do reconhecimento do humor ao riso. As flexões verbais “Comê, chanté, savé” zombam da crença comum de que para falar francês bastaria apenas pronunciar todas as palavras com tônica na última sílaba.

Ao final, o uso de “*chegue de converse. Jagarre dans le pape mais sempre pour collaboré avec Votre Majesté*”, nesta fronteira entre o que seria uma pronúncia afrancesada (em “*converse*”, “*colabore*” e “*Majesté*”) sustenta um efeito pastiche em que o humor serve de recurso argumentativo para criar uma falsa aproximação.

Todavia, o arremate do distanciamento que o sujeito-autor marca e que faz com que estas ironias retroajam com o elogio (“*Quel idê genial de nome nomé votre fils come ambassadeur*”) está na assinatura final. Nesta parte, o locutor assina “*Signé: Jô Soares, influencieur analogique*” e o indivíduo empírico assina “*Em verité: José Eugênio Soares, oficial da ordem do Rio Branco*”). Ao tornar público que recebeu, de fato<sup>9</sup>, a Ordem do Rio Branco, a ironia está em que o recebimento foi por reconhecimento e não por ser filho de um presidente, como pode ocorrer se um filho apenas por isso receber o cargo de Embaixador. O distanciamento da assinatura final é fático.

Estes efeitos de sentido sustentados neste texto-carta dizem respeito ao que Milner (2006) comenta sobre a relação entre sujeito e linguagem: para indicar que há algo inacessível (real), e que neste inacessível “há mesmo” (no sentido de que há de fato e de que há semelhança, no imaginário) e que “há Um” (simbólico); ou seja, uma relação entre parte e todo, a ser simbolizada. A decorrência disso é que há *alíngua* e “a *alíngua* é a encarnação do simbólico” (MILNER, 2006, p.34).

### Considerações Finais

O uso do pastiche e humor político na argumentação de Jô Soares nos três textos-cartas analisados requer considerar que há várias nuances na retomada do interdiscurso, cuja complexidade procuramos demonstrar conforme o modo pelo qual o pastiche e o humor político fundamentam a argumentação do autor.

Na linha tênue entre fatos históricos e imersão na ficção, acrescidos do uso da nomeação e do jogo com o sentido para criar efeitos de obviedade na linha da autorreferencialidade e do contorno do real da língua (“*alíngua*”), os textos-cartas de Jô Soares ratificam que o trânsito pelo universo político pode

---

9 O comentário de José Eugênio sobre recebimento desta honraria/título pode ser lido em uma entrevista à revista Playboy, postada por esta revista em 15/8/1986 e recuperado em: <http://www.ricardosetti.com/playboy-entrevista-jo-soares/>. Acesso em: 23 jul.2020.

ser resgatado por formas de linguagem nas quais o sujeito pode se refugiar mesmo em um cenário de autoritarismo e de volatilidade do compromisso com a verdade na contemporaneidade e no governo Bolsonaro em específico.

A escrita dos textos-cartas e a leitura acompanhada da possibilidade de outro modo de se inscrever no simbólico e na alteridade com o Outro, pelo humor, permite contornar fissuras civilizatórias à medida que o riso em seu valor catártico e político-argumentativo faz notar uma revolução sem barbárie. Portanto, este compartilhamento possibilita enfrentamento de pontos de silenciamento impostos de forma sutil no debate e no uso da argumentação no cenário da política nacional.

Uma reflexão decorrente deste enfrentamento levaria a investigar também se o lugar do sujeito do discurso (“sujeito-Jô Soares”) opera essas manobras como porta-voz de uma conjuntura que, conforme a teorização de Orlandi (1993) pode ser entendida como de censura ou de silêncio local. Por este caminho, em outras pesquisas com foco em outros *corpora* poder-se-ia também analisar como estes efeitos de sentido, no entremeio do fato histórico e da ficção, têm aparecido em período mais recente da história do Brasil.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Tradução: Claudia R. Castellanos Pfeiffer *et al.* Campinas: Ed. UNICAMP. 1998.

CARMELINO, Ana Cristina. Humor: uma abordagem retórica e argumentativa. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 8, n. 2, p. 40-56, 2012.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução: Cristina C. V Birck *et al.* São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

FIORIN, José Luiz. A pessoa desdobrada. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 39: p. 23-44, 1995.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro; FERREIRA, Raul Azevedo de Andrade. A padaria antropofágica de Ednardo: uma análise de discurso da canção Artigo 26. **Desenredo**, v. 1, p. 82-96, 2016.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Da enunciação ao acontecimento discursivo em Análise do Discurso. In: GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. (orgs.). **Discurso e Arquivo: experimentações em Análise do Discurso**. Tradução: Carolina Fedatto e Paula Chiaretti. Campinas: Ed.UNICAMP, 2016. p. 225-233.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 51, n. 1, p. 49-68, 2009.

IPANEMA, Rogéria de. A estética de Don Quixote e a imagem difícil de Prudente de Moraes. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, XXVII, 2013, Natal. **Anais Eletrônicos [...]**. Natal: Associação Nacional de História - ANPUH, 2013. p. 1-10.

IPANEMA, Rogéria de. Imprensa artística de humor e os mediadores da crítica social: o decalque e o pastiche no Don Quixote brasileiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, XXIX, 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Associação Nacional de História - ANPUH, 2017. v. 1. p. 1-9.

ITARARÉ, Barão. **Máximas e mínimas do Barão de Itararé/seleção e organização de Afonso Félix de Sousa**. 4.ed. Rio de Janeiro, 1987.

JACOBUS, Rodrigo; GOLIN, Cida. Um nobre bufão no reino da grande imprensa: a construção da personagem Barão de Itararé na paródia jornalística do semanário *A Manha* (1926-1935). **Intercom**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 55-74, 2011.

MILNER, Jean Claude. **Os nomes indistintos**. Tradução: P. A. C. de Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

KUNDERA, Milan. **O livro do riso e do esquecimento**. Tradução: Inês Pedrosa. São Paulo: Círculo do livro, 1988.

MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. Retórica e humor: o riso como estratégia argumentativa. **Estudos Linguísticos**, XXXIV, p. 1242-1247, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli Lourdes. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Pontes, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed.UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso - AAD69. In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. 3.ed. Tradução: Bethânia Mariani et al. Campinas: Ed.UNICAMP, 1997a. p. 61-105.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou acontecimento?** Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. Especificidade de uma disciplina de interpretação (A análise de discurso na França). In: ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux – textos escolhidos por E.P. Orlandi. Tradução: Solange Leda Gallo. Campinas: Pontes, 2014. p. 227-230.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República brasileira. In: SEVCENKO, N. (org.). **História da Vida Privada no Brasil** – v. 3: República – da Belle Époque à Era do Rádio. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 289-367.

SOARES, Jô. Carta aberta ao Ilmo Sr. Presidente Jair Bolsonaro: devo confessar que também já fui alvo de chacota. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 abril. 2019.

SOARES, Jô. Outra carta aberta ao nosso excelentíssimo presidente da República, senhor Jair Bolsonaro – quel idê genial de nomé vtre fils come ambassadeur. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jul. 2019.

SOARES, Jô. Carta aberta ao Ilmo sr. Jair BolSSonaro – VoSSa redundância é o 1º. presidente patafísico! **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2020.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d’A Pedra do Reino – e o príncipe do vai-e-volta**. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007 [1971].

TAFFARELLO, Maria Cristina de Moraes. **A polifonia irreverente do texto de humor político**. 227f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani; PEREIRA, Anderson de Carvalho. Análise indiciária: uma topologia das singularidades. In: TFOUNI, Leda Verdiani; PEREIRA, Anderson de Carvalho; Milanez, Nilton (orgs.). **O paradigma indiciário e os modos de decifração das ciências humanas**. São Carlos: EDUFSCAR, 2018. p. 121-149.